LISBOA — QUARTA-FEIRA, 3 DE AGOSTO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 102 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O SR. Julio Dantas, ao cumprimentar ontem, no Senado, o govêrno, especializou o sr. ministro do Comercio como pessoa mais merecedora da sua simpatia. Houve logo quem olhasse para o sr. Antonio Granjo, a vêr se ele lambia os beiços.

Tal não fez o ilustre flaviense, que se limitou a tossir para disfarçar a sua atrapalhação.

O autor da *Severa* fingiu não perceber o efeito das suas palavras. Consta que, depois de terminar o seu discurso em que atacou a declaração ministerial como peça de má literatura, disse em voz baixa, para melhor ser ouvido:

—«Este Granjo é um politico de grande futuro.»

Embora nós tambem pensemos o mesmo, achamos conveniente que estas coisas não se divulguem muito para evitar que o sr. ministro do Comercio seja vitima da sua popularidade.

* * *

NA proxima sexta feira reune no ministerio dos negocios estrangeiros, sob a presidencia do respectivo ministro, a Comissão Executiva das Reparações de Guerra.

* * *

O SR. dr. Antonio Granjo, trasmontano de todos os costados, tinha para si quando era deputado oposicionista que os governos não deviam usar de reservas para com as camaras. Como ministro continua mantendo esse modo de vêr. E consta-nos de fonte pura que manifestará brevemente a opinião de que o sr. ministro das finanças não tem o direito de continuar guardando sigilo ácerca do emprestimo dos cincoenta milhões de «dollars».

* * *

CARUSO morreu. A America, principalmente, recordará o seu nome, a sua figura imponente, a sua arte, as suas aventuras, os *trucs* de que se serviu para reclames á sua voz. A Europa—esqueceu-se dele ha muito. Morreu, e morreu rico. Se o homem não vai todo á sepultura, deste se poderá dizer que vai muito menos do que outro qualquer. A sua garganta privilegiada extinguiu-se em Napoles, para todo o sempre, mas os seus milhões, disputados por vinte herdeiros, ficarão ainda a cantar por largo tempo.

* * *

O DR. Antonio Sardinha acaba de publicar um magnifico livro de poemas,—«Quando as nascentes despertam»,—numa bela edição da casa Férin. O critico literario do *Diario de Lisboa* terá a palavra a seu tempo.

* * *

O SR. Ferreira da Rocha comunicou hoje no Parlamento aos seus correligionarios que, por conselho medico, não poderá exercer a espinhosa função de sub-«leader» do Partido Liberal.

A resolução do distinto parlamentar incomodou profundamente aqueles dos seus correligionarios que formam a «bicha» homenageadora das suas aptidões. E alguns deles afirmavam que o motivo da renuncia se não baseava de modo algum num esfalfamento pulmonar...

* * *

HOJE, no Parlamento, serão apresentadas as propostas de finanças do sr. Barros Queiroz.

Homens de nada

Tivémos ocasião, ontem, de trocar algumas palavras com um politico que ao mesmo tempo que zela os interesses do seu partido não deixa de observar com atenção o que se passa dentro dos outros. Num lance de dolorosa sinceridade, ele não teve duvida em dizer o seguinte:

—«Os homens do regime degradam as ambições que se propõem servir, porque não têm a nobreza de animo bastante para as engrandecer».

A conversa girou uns minutos em tôrno deste motivo, que o nosso interlocutor ilustrou amplamente, citando muitos nomes de cavalheiros que, cheios de vaidade com a insignificancia dos seus dotes, tomam na vida da Republica mais espaço que se fôssem creaturas de valor. Pela nossa parte, embora não concordando com todas as apreciações que causticamente iam flagelando os comediantes da nossa crise, achámos que nelas existia um grande fundo de justiça.

Sem homens de merecimento não há regime que dure ou que se imponha á consideração das turbas. As ideias, os principios, as nobres esperanças por si só, nada valem, se não tiverem pelo seu lado o prestigio da eloquencia que arrasta os timidos e os indecisos.

A Republica, nas suas origens, parecia nascer dum largo movimento de fé—uma ardente e fecunda campanha em que a voz dos tribunos estremecia, traduzindo e cantando as aspirações da Pátria. Breve passou este sonho.

Os misticos da propaganda converteram-se em roedores dos ideaes que diziam servir, estendendo tambem a sua fome ás ucharias da administração. Deu-se este espectáculo deploravel—dum lado as multidões, ainda crentes nos seus idolos, aguardando que estes as conduzissem á felicidade prometida, do outro, os idolos, tresnoitados com as primeiras ceias em que os vinhos saiam de frasqueiras que já eram afamadas nos tempos da monarquia, perdiam com a vergonha o respeito pela linha recta.

Começava assim uma aristocracia em gabinete reservado, emquanto nas ruas se aclamava ainda retumbantemente a aurora libertadora do Cinco de Outubro. O scepticismo, como era de prevêr, tinha que ceifar os entusiasmos e os clamores dos ingenuos. Viu-se a curto prazo a popularidade dos próceres desabar no chão, como uma torre que os alicerces não aguentam.

Houve uma hora de espanto, nos mananciaes do «champagne mousseux». Como era possivel tamanha irreverencia? A realidade, porém, não admitia duvidas—o povo abandonava os seus guias e mestres. Corria para novas capelas, a emborrachar-se com outras retóricas e outros venenos.

Mortos os principios e iniciada a primeira debandada dos que se sentiram molestados com o materialismo dos comilões e dos «jouisseurs», ficaram em campo sómente os apetites, as pequenas ambições, as intrigas de agudos dentes.

A maioria dos homens de hoje são bem os representantes duma moral politica que sacrifica o género nobre a uma conveniencia digestiva.

Mostram-se ainda mais mesquinhos que a sua falta de cultura e de maneiras, porque se incapacitaram para qualquer espécie de progresso ou de melhoria como creaturas que não se educaram para compreender a Republica, mas rebaixaram esta para ela os nutrir.

CONHECEMOS um homem que até ontem era tido e havido como um republicano de grandes virtudes—austero, puro e tolerante. A sua fama achava-se tão bem estabelecida que ninguem ousava discuti-la.

«Destes ha poucos!»—afirmavam os seus amigos.

Ele, um pouco absorto em reflexões sem rumo, nem mesmo percebia quanto era admirado.

Insistiam com ele, para que saisse do seu isolamento, dando á Republica a colaboração do seu engenho.

Escusava-se, desculpava-se e cofiava o flacido bigode com a mão mole e tremula.

Mas estava escrito que a sua resistencia não seria eterna.

Tanto apertaram com ele que resignado consentiu:—«Pois sim...»—

Eleito deputado, a sua eleição não foi contestada.

Ontem pediu a palavra. Vivo rumor de curiosidade.

Que iria dizer o ilustre homem integro?

Falou mais de meia hora, martelando as curiosidades e as atenções como uma tromba de elefante.

O seu sucesso foi completo como estopada. Da sua arenga pouco se aproveitou, a não ser isto—que se julgava o mais feliz dos mortais, por voltar á Camara, onde tantos talentos brilhantes, tantos oradores, tantos politicos habeis, tantos... etc.

Sem o mais leve sentimento de responsabilidades, perante os seus colegas atonitos, assassinou o seu proprio individuo tido e havido por todos como uma das glorias da moral e do regime.

Peor do que Bruto, nos campos de Filipos!

* * *

O PRESIDENTE da Camara dos Deputados eleito há dias é dos deputados mais distintos e dos espiritos mais elegantes do nosso reduzido numero de parlamentares de verdade. Possue uma folha de serviços ao país, já interessante, oferece garantia de imparcialidade na experimentada visão das cousas politicas, e tem apenas 43 anos. O *Diario de Lisboa* associa ás manifestações de homenagem prestadas ao sr. Jorge Nunes o seu cumprimento.

* * *

CONTINUA a afirmar-se que o ministerio não conseguirá viver até ao fim da semana corrente. O sr. ministro da Guerra considera-se já demissionario, constando mesmo que está pouco disposto a desempenhar o papel de tirano da peça «Os exames dos milicianos», que dentro de curtos dias sobe á scena no Parlamento, com scenarios absolutamente originais.

* * *

DEPOIS de varios telegramas contraditorios, recebidos no ministerio das colonias, chegou ontem a noticia de ter sido eleito pela India, como senador, o sr. ministro das colonias, dr. Celestino de Almeida.

* * *

O ANTIGO deputado socialista sr. Augusto Dias da Silva conferenciou esta tarde no palacio de S. Bento com o sr. Jorge Nunes.

A grande Russia...

(Do Simplicissimus)

ou a discussão de dois «iluminados» sobre a decomposição de um cadaver.

MAGAZINE

Uma historia veneziana

Há em Venesa, nesta época do ano, uma cerimónia estranha e singular.

As grandes portas da Basilica de luz que é a de S. Marcos, cobrem-se de panos negros franjados de prata com o Cristo bisantino no meio.

Diante do peristilo, 12 policias, severamente uniformisados, contribuem para o aspecto desolador de luto que o edificio oferece aos que de ordinário gosam a sua vista esplendidamente deslumbrante.

No interior, grandes panos negros, bordados a prata, caem desde a abobada e no centro, levanta-se um majestoso catafalco, no alto do qual se ergue a estatua da Fama, ladeada por centenares de luzes.

E é a missa mais magestosa e imponente a que se celebra durante três dias, com todos os luxos das vozes e dos orgãos desdobrando harmonias tristes e serenamente saudosas no largo templo, que estaria vasio sem as duas duzias de asilados velhos que ali vão porque os mandam, indiferentemente, e os estrangeiros que constantemente o visitam.

Porque passa tanta pompa ignorada, porque não atrae sequer os curiosos, os ávidos de espectaculos deslumbrantes, estranhos e imponentes?

E' que para Venesa aquele espectaculo é uma comedia burlesca de que sorri.

Morreu há cêrca de 70 anos na linda cidade do Adriatico um velho mercador de sedas, que era o mais sordido e mesquinho de todos os avarentos.

Todos conheciam o natural de Verona, que morava numa travessa escura e imunda, tinha uma lojeca manhosa e tomara por caridade uma velha pedinte, a quem mal dava as sopas em troca do serviço da casa.

Comia um peixe pequeno ás refeições, trabalhava todo o dia e deitava-se ao anoitecer, para não gastar luz. Nunca ninguem o viu, seguer, tomar o fresco nas luminosas noites de Italia; fazia as contas em bocados de papel apanhados do chão, para não gastar dinheiro nêle.

Quando lhe preguntavam o que fazia ao dinheiro, respondia:

— Verão, verão...

Não deixou nada aos parentes pobres nem á velha que o aturou; o testamento dividia a fortuna colossal que possuia, tão grande como ninguem imaginara, em duas partes iguais.

A Basilica herdou dois milhões, com a condição de celebrar, em épocas determinadas, a cerimónia funebre mais pomposa e magnifica que pudesse ver-se: havia de durar três dias e durante êles seriam ditas 300 missas por sua alma.

Dos outros dois milhões, deixou o usofruto a uma dançarina de Milão, que nunca tinha visto, devendo aquela fortuna passar depois da morte dela para o Conservatorio de dança.

Para deslumbrar os que se riam do seu fato coçado e humilhar os mais nobres patricios, aquele homem privou-se de todos os prazeres e das menores comodidades durante a vida.

Pensaria êle que poderia de além tumulo assistir á estupefacção causada por um fantastico luxo póstumo?

Mas, se o pudesse ver, apenas assistiria á indiferença escarninha de Venesa.

Os detentores do genio

Há criaturas a quem a fortuna colocou em situação de imaginarem que o seu juizo é infalivel, o gôsto o «non plus ultra», e a autoridade o suficiente para lançar um atrevido que lhe sae dos moldes á margem da consagração.

Mas o genio tem azas que se não cortam com a opinião e a vontade de um argentario, ainda que por vezes um capricho vaidoso dêles lhes custe muitos anos de martirio e de luta.

Antoine conta nas suas memorias as desavenças que teve com Albert Wolff e diz:

«Acaba-se por crer que Wolff dá sorte a todos que abandona e desconsidera».

Com efeito, entre outros, Wolff despresou, por inuteis, incapazes e incompetentes, Massenet, Zola, Manet e o proprio Antoine.

E' que os senhores *Wolffs* ignoram que o genio, insubordinado, atrevido e irreverente, a que êles chamam simplesmente malcriado e inutil, não se compra, nem se vende.

Mudando o nome das ruas

E' em Paris uma questão do dia. Alguns jornaes francezes consagram colunas a este assunto e procuram conhecer se realmente será util modificá-los.

Todos reclamam, todos acham inconveniente, uns porque a camara de nomes notaveis só conhece os dos edis que figuram nos livros de actas e para os favorecerem roubam as ruas aos artistas e aos sábios; outros porque consideram a desorientação que a mudança do nome duma rua produz por muito tempo...

E são de considerar aquelas razões, porque imaginem o desgosto dos francezes quando as ruas mostrarem aos visitantes que de pessoas notaveis para eles só existem os seus vereadores, que pelo visto pertencem á mesma familia dos nossos...

LABORATORIOS DE FARMACIA
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

Dores
Dores de cabeça
Dores nevralgicas
Dores rheumaticas
etc., etc.

Curam-se em curtos momentos com

QUINOPYRINA

Sem perturbação para o coração, nem fadiga para o estomago ou rins

Farmacias LISBOA—R. Nova do Almada, 88
PORTO —R. dos Clerigos, 36

SAPATARIA SECULO XX
R. Nova do Almada, 63
Grande sortimento a preços modicos

TEATROS

Em Paris

Na «Comédie Française»—Subirá brevemente á scena a peça «Cirú» de Alfred Poizat, dando apenas quatro ou cinco representações. A peça, que é escrita sobre o conhecido episodio da odisseia em que os companheiros de Ulysses são transformados em porcos.

—Em virtude duma conversa com o administrador deste teatro, o conhecido actor Max não pedirá a demissão.

No «Odeon»—Charles de Bargy, da Comedie Française, vai representar no «Odéon» a peça que já representou este inverno em Bruxelas, «Une danseuse est mortes. E' grande a satisfação por o ministro ter consentido que um artista da «Comédie» fosse representar no «Odéon» como já tinha acontecido com Mounet-Sully, que tambem creou no «Odéon» «La vieillesse de Don Juan».

No «La Polinière»—Este teatro fecha durante três semanas para realizar varias modificações com o fim de dar ao publico maiores comodidades.

No «Th. La Nature»—Subiu á scena neste teatro a peça de Georges Delequys «Le Monstre». E' uma obra romántica, que representa a luta entre o Bem e o Mal.

No «Chatelet»—Apesar do calor, o publico parisiense novamente se interessou pela peça «A volta ao mundo em 80 dias».

No «Trianon Lyrique»—Neste teatro vai ser representada em «reprise», a peça de Victor Hugo «Marion Delarme».

Entre nós

A peça de abertura no teatro de S. Carlos, na proxima época de inverno, consta-nos ser o drama «Os cegos», original, do brilhante escritor sr. dr. Joaquim . Leitão. Logo a seguir far-se-há «reprise» da comedia de Vicente Arnoso «Coimbra, terra de amores».

—O teatro da Trindade continúa fechado, mas não será, felizmente, por muito tempo, porque entrou em negociações com a Companhia dos Telefones uma empresa que se propõe explorá-lo na proxima época de inverno. Isto é autentico, embora se diga que não abrirá mais este teatro. As nossas informações vão mais além e dizem que o teatro será vendido á empresa que mais der, por não convir á Companhia adaptá-lo aos seus serviços.

—A peça «Tratado de Auteuil», que em festa de Samwell Diniz subirá á scena no teatro Avenida, tem a seguinte distribuição:

«André Marsay», Samwell Diniz; «Edmundo Joinvile», Carlos Santos; «Le Remois», Francisco Judicibus; «Marsay», Casimiro Tristão; «d'Aubigny», Augusto Torres; «Fouchard», Henrique Pereira; «Maitre d'hotel», Joaquim Miranda; «Victor», Abilio Alves; «Joana d'Aubigny», Pálmira Bastos; «Gabriela Avize», Leonilde Pereira; «Madame Marsay», Elvira Velez, e «Edith Gillier», Carlota Sande.

—Consta que a actriz Laura Costa volta novamente para a companhia que explora o Salão Foz. Dada esta hipotese retomaria os papeis já por ela ensaiados na revista que brevemente ali subirá á scena.

—O espectaculo classico que em breve se realizará no teatro Nacional será constituido em parte pelos professores e alunos do Conservatorio de Lisboa, representando-se, além disso, pelo «elenco» daquele teatro, como já dissemos, a «Farça de Inês Pereira».

—E' positivo que a actriz Deolinda Saya esta contratada para a proxima temporada do Aguia de Ouro, do Porto.

—O 2.º quadro da revista «Tic-Tac», que se intitula «Como elas se armam», é pintado pelo scenografo José de Almeida.

—Foram contratados para a proxima epoca de inverno no Salão Foz os artistas Eugenia Quintão, José David e Guilhermina Paiva, que tambem está contratada no Apolo, onde trabalha até o fim de setembro, passando em outubro para a companhia do Foz.

—Na «reprise» da peça «Coração manda» a actriz Palmira Bastos fará o papel da sua colega Ester Leão, por deferencia para com o festejado, o secretario da empresa sr. Jaime Bento.

—A peça «O tufão», que subirá á scena no Nacional, é passada entre japoneses, havendo apenas um personagem europeu.

—Foi contratado para a «tournée» Rezende o actor Reginaldo Duarte.

—Chegou ao Funchal a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

—Entrou hoje em ensaios no teatro Nacional a peça «Inês Pereira», que será levada á scena na proxima recita classica.

—No mesmo teatro deve entrar brevemente tambem em ensaios a peça de Liñares Rivas, intitulada «Maria Vitoria».

Reclamos

S. CARLOS—A peça «Sedutores», de Vasco de Mendonça Alves, continúa em pleno sucesso, justificando as esperanças que se depositavam no seu exito. O publico compreendeu a grandeza da obra e sentiu toda a intensidade dramatica que a impõe como uma das melhores dos ultimos tempos. E, por isso, tendo-a aplaudido ontem, voltará hoje, certamente, a consagrar o admiravel trabalho da companhia.

NACIONAL—Peça para todos os gostos, é a «Vida dum rapaz pobre», que está em scena neste teatro. Hoje repete-se.

POLITEAMA—O cartaz do Politeama dá em ultimas representações, estes dias, a opereta «Avé Maria», que tem sido um dos mais legitimos exitos da companhia Satanela-Amarante.

S. LUIS—Reaparece ainda esta semana, no S. Luis, a celebre revista «De capote e lenço», que, com quadros novos e outras novidades, ali sobe á scena.

AVENIDA—E' uma verdadeira lição de moral, de mais sã, o entrecho de «Os conquistadores», a encantadora, a sensacional peça que tem em scena o Avenida.

APOLO—Neste teatro está a despedir-se do publico a celebre fantasia «Porto, tantos de tal», com o seu novo quadro «Pedras soltas», que tanto agrado tem obtido.

GINASIO—«O celebre Pina», afortunada adaptação de Pedro Bandeira, Carlos Ferreira e Guedes Vaz, continúa atraindo enorme concorrencia ao Ginasio.

EDEN—Parece outra a revista «Pé de dança», em scena no Eden-Teatro, tão acrescida tem sido de numeros novos, do maior exito e sensação.

SALÃO FOZ—Obteve um exito retumbante a estreia do afamado comico Alberto Ghira, no Salão Foz, desempenhando o «compère» da afamada fantasia «Trólaró».

Espectaculos

S. CARLOS—A's 21,30—«Sedutores».
NACIONAL—A's 21,15—«A vida dum rapaz pobre».
S. LUIZ—A's 21—Não há espectaculo.
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«Porto, tantos de tal».
AVENIDA—A's 21,30—«Os conquistadores».
POLITEAMA—A's 21,30—«Avé Maria».
EDEN—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

CHIADO TERRASSE—A's 9—Animatografo e variedades.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!»
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

CARVÃO
CARDIFF das minas
"Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. Lisboa—Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092- 5093-5094 Londres—56 Ludgate Hill

SOCIEDADE LUZITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.
Em armazem para entrega imediata
VENTOINHAS A. E. G.
DINAMOS E MOTORES
LAMPADAS "EGMAR" E "OSRAM"
AS MELHORES
12, RUA DOS FANQUEIROS, 14 e 16

Santos Amaral, Limitada
IMPORTADORES-EXPORTADORES
Escritorios:
RUA DE S. JULIÃO, 100
Armazem de vendas
RUA DA PALMA, 225-229
Oficina Eletrotecnica
RUA DE S.TA BARBARA, T. M. V.
Teleg.: SAMARAL | Telef.: (C. 952-Escritorio (C. L580-Armazem

SECÇÃO INDUSTRIAL
CONSERVAS DE PEIXE
Fabricas em:
Matosinhos, Nazaré, Cascais, Setubal, Lagos e Peniche
Secção de Importação e Exportação
Cereais, Cacáu, Café, Cortiça e Azeite —Folha de Flandres, Estanho, Chumbo e Arco de ferro—Aduela de Castanho italiano
SECÇÃO TECNICA
Maquinas e acessorios para todas as industrias
Tornos revolvers, Serras de fita, Cravavadeiras, Limadores, Postos para soldadura autogenia, Difrenciais de parafuso sem fim e de engrenagem, Electricos, Dinamos, etc.
Material electrico, Lampadas «Philips», Candieiros, Tubo Bergman, Fios, Porcelanas
Instalações de Força Motriz e luz
Descontos aos revendedores
Oficina especial para reparações de aparelhos electrotecnicos, Enrolamentos.
Materias primas, Oleos, Massas lubrificantes, Correias para transmissão, Tintas de esmalte e vernizes «E'clantin».
Aços especiais para ferramentas.
Consultas tecnicas, Instalações fabris, Orçamentos

PORTUGAL PREVIDENTE
COMPANHIA DE SEGUROS
FUNDADA EM 1907
Capital UM MILHÃO DE ESCUDOS
BANQUEIROS:
BORGES & IRMÃO
Efectua seguros contra incendio e riscos de mar, roubo, postais, cristais, greves e tumultos, comoções politicas e populares, guerra civil, ACIDENTES NO TRABALHO e SOBRE A VIDA HUMANA.
Sede: Rua do Alecrim, 10---LISBOA
Delegação no Porto:
Rua Sá da Bandeira, 5, 1.º

LITERATURA FEMININA

DOMITILLA DE CARVALHO, MEDICA E POETISA MARIA MADALENA, ARTISTA E PROSADORA

A POETISA DO MONDEGO VAI DAR-NOS UM LIVRO DE SENTIMENTO E DE TRISTEZA—DEVEM APARECER TAMBEM NO PRINCIPIO DO INVERNO OS "POEMAS DA COR E DO SILENCIO", DE MARIA MADALENA

Domitilla de Carvalho, a poetisa do Mondego, a voz harmoniosa que levantou o seu primeiro canto nos salgueirais de Coimbra, vai dar-nos um novo livro, um livro de sentimento e de tristeza, com a mesma nota de amor e de carinho que é tão sua na forma de religiosa melancolia que vem do coração e da Natureza.

Não sei, ao certo, quando êsse livro aparecerá. No principio do inverno, sem duvida, depois dos meses de repouso em que Domitilia poderá revê-lo e escolher definitivamente um titulo, que não decidiu ainda.

Domitilla de Carvalho é um raro tipo de mulher de sciencia e de letras, unico entre nós pelo relêvo delicado, suave, sereno, da sua extrema simplicidade. Digo, muito propositadamente, simplicidade e não modestia, porque penso que Domitilla, superiormente inteligente e cultivada, não pode deixar de ter a consciencia do seu valor. Aceita, porêm, êsse valor sem pretenções e deixa-o viver na penumbra duma vida singela e de trabalho, apesar do seu talento literario, apesar dos seus cursos brilhantes, apesar do seu reconhecido mérito de médica conscienciosa e distinta. E' sempre a mulher, a Mulher com M grande, nos modos senhoris, no olhar e no sorriso, na voz afavel, quer recite numa sala mundana, quer nos atenda no consultorio, com a longa bata, lisa e branca, de profissional.

Este novo livro vem quebrar o silencio de alguns anos, em que apenas um ou outro soneto, publicado em jornais, nos manifestava a persistencia da mesma inspiração, sob a mesma forma, que em nenhuma outra poetisa portuguesa tenho encontrado para revelar a doçura terna duma alma feminina.

A profissão, pondo Domitilla, dia a dia, em contacto com a miséria humana, essa miséria fisica e moral a que nos reduz a doença, em vez de lhe endurecer o coração pelo hábito, parece que mais lho enterneceu de piedade.

Estes versos, que esperamos com impaciencia, são tambem, na sua maior parte, versos de Coimbra, feitos ou sentidos lá, inspirados na sugestão da paisagem, dos afectos ou da saudade.

Coimbra, a cidade mais docemente portuguesa de todas as lindas cidades de Portugal, tem sido grande inspiradora de poetas. No recorte das suas colinas, no murmurio das suas aguas, no perfume dos laranjais, nas ruinas e nas tradições, nas igrejas e nas lendas, sente-se uma poesia estranha, emocionante e profunda, que, pelos tempos fora, fez palpitar o coração de Camões e de Antero, de Antonio Nobre, de Eugenio de Castro e tantos outros, que seria longo citar.

Domitilla de Carvalho sentiu, viveu, sofreu, nesse ambiente saturado de poesia, que ficou, para sempre, o lugar dilecto do seu pensamento e da sua inspiração.

Não conheço todos os versos dêste novo livro, mas, dos que ouvi a Domitilla, pedi um soneto, que transcrevo:

PALAVRAS D'ALMA

Palavras da minha alma, comovidas,
Que eu 'screvesse para ti singelamente.
Palavras sem receio repetidas,
Segredos de criança inconfidente...

Palavras para ti! Por toda a gente,
Pelos simples e bons compreendidas,
Mas no teu coração estreitamente,
Piedosissimamente recolhidas.

Palavras para ti! Ai tanta, tanta,
Que procura fugir-me da garganta,
Palavras que soluço p'ra escondê-las...

.....

E antes assim, bem vês que as orações
São mais puras nos nossos corações...
E' bem melhor senti-las que dizê-las.

Tambem no principio do inverno, quando as arvores começarem a erguer para o ceu os braços nus, quando recolherem

Madalena Martel

á cidade todos os que foram descansar ou divertir-se, Maria Magdalena nos dará um novo livro, a que chamou «Poemas da côr e do silencio».

Neste livro, Maria Magdalena inicia uma prosa ritmica e cantante, que é quasi verso, onde se sente bem, na linguagem cadente e modelada, a vocação de escultora que desviou para literata, mas que ficou artista, a trabalhar a frase, na curva musical, reproduzindo a

Domitilla de Carvalho

forma, a côr, o som, na fusão complexa do pensamento e da arte.

Maria Magdalena começou, quasi criança, por fazer versos e fazer escultura e ainda hoje, sob outra aparencia, é a mesma coisa que faz.

O livro, como o titulo indica, compõe-se de pequeninos poemas, — em prosa, se acaso podemos chamar assim a palavras que se reunem em grupo harmonioso e que realizam a idéa tanto pelo som, como pela significação. Algumas vezes são versos brancos, outros, sem medida certa, falam ao nosso ouvido com a mesma sonoridade da poesia.

Na parte do livro que se intitula «Ritmos de luz e de cadencia», encontramos, nas danças portuguesas, a nota carinhosa de regionalismo, que é agora a nota dominante nos trabalhos de Maria Magdalena.

Dessas danças preferi o fandango, a que melhor conheço, como ribatejana, e de que pude apreciar a justeza de côr, de som e de movimento.

Nos «Frisos de sol e de luar», entre os trabalhos de campo, «A monda» parece-me dos mais perfeitos. E um outro poemasinho, «Côres de alegria vestindo tristeza», dá-nos, através da mesma luz de regionalismo doce, uns ligeiros resaibos de futurismo, que passam em todo êste livro sem exageros, mas bastante expressivos para lhe conquistarem o interêsse e a simpatia da moderna escola.

A fechar estas impressões rapidas, damos êste trecho, que dirá do livro muito melhor do que eu:

«O calor queima, rescaldando a terra, sêca, sem sombra, como mar sem fim...

Vinhas verdejam em verduras fôfas, tapetes alegres, que trazem frescura á planicie triste.

O vento escaldante passa cantando saudades das arvores, das fôlhas, das aguas, sem poder vibrar nas piteiras duras, na planicie sêca, nas vinhas rasteiras, no restolho ardente do trigo ceifado!

A planicie é triste.

O sol cai ao fundo, como cai no mar. Avermelha a terra em reflexos rubros. O ceu sangra sangue, que inunda a planicie caindo na cal das aldeias brancas como sangue vivo das veias ardentes do ceu e da terra!

Na estrada, nas vinhas, nas aldeias brancas, na planicie sêca, manchas de côr vibram, retinindo como sons vibrantes de clarins agudos na claridade que deslumbra os olhos!

Saias vermelhas, alaranjadas, rôxas, lenços anilados, amarelos, rubros, cintas de purpura, camisas de neve, barretes gritantes do verde das vinhas!

Vibram e cantam as manchas de côr que animam os campos ao sol rescaldante, mas aldeias brancas como aldeias moiras, na planicie sêca onde o vento geme saudades das fôlhas, das aguas, das sombras...

O ceu é de anil. A terra é de braza!

As vozes são baixas, serenas, cantantes como as dos ciganos; as caras trigueiras, os olhos profundos de pestanas longas sonhando saudades das fôlhas, das aguas, das sombras, dos montes, que o vento lhes conta gemendo ao passar na planicie triste...

As almas são tristes, vestindo alegrias nas côres que retinem em manchas de sons!

As almas são tristes dos fatais presagios que os moiros deixaram nas aldeias brancas, e penam de sêde e penam de sol! São almas penadas, que sofrem na vida como almas penadas deslisam da noite, em sombras escuras na cal das paredes, na cal do luar!»

Ribatejo, 1920.

E' o Ribatejo que passa, ardente, na alegria das suas côres e na melancolia das suas almas... Não admira que sinta a vida e a poesia intensa dêste quadro quem guarda, como eu, nos olhos e no coração, a luz da paisagem ribatejana.

Maria de Carvalho.

FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

MEIAS, PEUGAS E CAMISAS
Grande baixa de preços!!!
Meias de algodão a 1690, 1890, 2490 e 3790 réis!
„ „ sedaline a 4490, 5490, 6490 e 7490 réis!
„ „ musseline a 6490 e 7490 réis!
„ „ seda a 8490, 9490, 12.490 e 13.490 réis!
„ „ seda (saldo) a 4490 e 7490 réis!
10.800 pares de meias, bom algodão, preto, branco e cabedal, a 2.000 réis!!!
Peugas de bom algodão, a 1490 e 1890 réis! Peugas de fantasia, a 2490, 3000 e 3790 réis! Peugas, fio de Escocia, a 4390 e 5490 réis!
GRANDE SALDO!
Camisa, colarinho, punhos e uma gravata 12.500 rs.!!
Grandes abatimentos em todos os muitos artigos da casa!
CAMISARIA MODELO
RUA DO OURO, 116, 117, 119—LISBOA
PREÇOS DE OCASIAO!

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

A beleza e a morte

O Mar, o Mar virtuoso e insaciável, nostálgico e profundo, levou ontem, numa praia perto de Cascaes, duas vidas que se reviam nele, descuidosamente, como num lago. Eram dois rapazes, irmãos, um de 19 outro de 17 anos, vigorosos e claros, como a sua mocidade radiante. Foram duas belezas que o mar arrastou, impiedosamente, inconscientemente, talvez até na ancia suprema de praticar o bem, robustecendo de graça o oceano imenso e forte. A beleza sobre a terra, a beleza tranquila e harmoniosa capaz de alimentar o universo e de produzir Vida incessantemente, não é apenas a da fórma e da côr, e que reside na mulher e na rosa, na estátua e no pomar, nos olhos das creanças e nos poentes de fogo. A beleza una, máscula e sagrada é só beleza feita mocidade. Dois homens que o Mar levou fizeram mais fálta á terra que dois palácios de imperadores da India, de páteos de coral, alpendres de mármore, e salas polidas de onixe e de agata. Dois homens são duas inteligencias, dois corações, duas almas, e é só isto, na pureza helenica das fórmas, que faz a Beleza sobre a terra.

Ah! Eu compreendo o Desespêro doloroso dos paes ante os cadáveres dos filhos, depositados pelo mesmo mar, irónicamente, sobre o leito fôfo das praias mais próximas. Mas compreendo tambem, e muito melhor, a furia sagrada do Oceano, arrebatando para o seu seio aquelas duas vidas, vibrantes de força e de graça pura. Pois onde há de o Mar ir buscar a sua beleza senão á beleza que anda dispersa no Universo, e que pertence tanto ao mar, como á terra, essa Terra que quer ter o privilegio, ela—egoista!—de toda a transformação? Pois de onde vêm as flores e os frutos, a côr das plantas e a transparencia das folhas, a plumagem das azas e a brancura imaculada dos colos de pomba senão da Morte, essa Morte gloriosa da beleza fisica, que se dá, continuamente, para que na transformação, a Beleza se multiplique, espalhe, vá a toda a parte, encha o Universo e os olhos dos Homens, inconscientes e minusculos? A beleza não se dá ao Mar, e o Mar—rouba-a!

Pobres irmãos! A' hora em que escrevo, sobre os leitos vazios, os paes, pela janela entreaberta olharão o mar, aquele mar inconsciente e virtuoso, que lhes levou os filhos, aquele mar tão belo, tão lindo, tão inspirador, tão grande, a quem os mortos da guerra não chegaram, e continua indiferente, feliz, satisfeito: *ruum! ruum! ruum!* morrendo na areia, espumando nas rochas, gargalhando no dôrso dos navios: *ruum! ruum! ruum!*; esse Mar poderoso e sagrado que precisa tanto de Beleza morta como precisam os jardins, os parques, as florestas e os vergeis, e ao qual os homens se negam com medo que Ele os não transforme outra vez em graça, em côr, em felicidade...

Quem sabe se muito breve, hoje mesmo, logo á tarde, na madrugada que póde refrescar a terra ámanhã cedinho, a Beleza misteriosa que o mar encerra, no sonho da distancia, no peito dourado dos alcions, na côr de pérola dos peixes da fábula, que as rêdes não apanham nunca, na sêda virginal dos nenúmfares e no veludo-esmeralda das grandes plantas aquáticas; quem sabe se toda essa beleza não leva já comsigo alguma coisa daquelas duas mocidades virgens, daquelas duas esperanças radiosas de energia, nas quaes, a esta hora, se revê o mundo das varandas dos casinos e se contemplam, tristemente, os paes, sentados sobre os leitos desocupados da sua casinha da Parede?

N. de A.

O caso dos oficiais da policia

Da Arcada recebemos a seguinte nota: «A policia de Lisboa está subordinada ao sr. ministro do interior, nada tendo o sr. presidente do ministerio com a exoneração ou nomeação dos oficiais para aquele corpo.»

"Diario de Lisboa"

Encontra-se á venda em todos os quiosques e tabacarias.

HA SETE ANOS...

NO DIA 3 DE AGOSTO, ÁS 6 H. E 45 M. A ALEMANHA DECLAROU GUERRA Á FRANÇA

Recorda-se a entrada dos alemães em territorio francês e as transformações porque passou o mundo

Todos se lembram, pois não é verdade? Eu bem quizera não me lembrar, mas é que anda esta data fatal a pezar sobre nós—e quem sabe se pezará ainda sobre os nossos bisnetos!—como uma condenação a trabalhos forçados nas galés da Vida. Foi no dia 3 de Agosto de 1914. Já lá vão sete anos, que correspondem a um século de privações e de miséria. Rasgaram-se novos horizontes á inteligencia humana—dizem os mais optimistas. O progresso bateu as azas e vae agora de serra em serra como uma águia triunfante no seu vôo audacioso—afirmam os mais arrojados. Desvendaram-se os mistérios da navegação aérea. O homem fez-se pardal e fez-se cotovia. A sciencia caminhou um passo agigantado no sentido da sua perfeição. Imaginem que até a calamidade se transformou èm válvula de segurança, pondo um freio na marcha ascensional da progressão mallusiana e contribuindo assim para um equilibrio maravilhoso entre a população e as subsistencias!

E' possivel, tudo isto é possivel. E' mesmo quási certo. Mas quem diria ao pobre habitante da terra, ahi por Julho de 1914, que ainda havia de pagar do seu bôlso um par de botas—de inferior qualidade—pela modesta quantia de cincoenta escudos! Quem diria que uma gravata de sêda duvidosa—tão duvidosa como a honestidade do comerciante que a vende—havia de custar uma nota de vinte escudos, com uma autentica figura a água, visivel dos dois lados!

E tudo isto porquê, senhores? Porque houve na Germania um rei que se chamava *Kaiser* e quiz ser imperador do mundo. E', talvez, um conceito simplista da guera, mas é aquele que mais agrada á nossa costela de latinos—irmãos da França invadida.

Todos sabem que no dia 2 de Agosto, sem prévia declaração de guerra, como se fôsse a coisa mais natural deste mundo, a Alemanha entrou pela França dentro, a pretexto de que tinha sido ameaçada a segurança do império. Perto de Longwy, o oficial alemão que comandava uma patrulha encontrou um soldado francez, e, sem mais tir-te nem guar-te, meteu-lhe uma bala na cabeça. Era a guerra! No dia seguinte, ás 6 horas e 45 minutos da tarde, o embaixador da Alemanha em Paris entregava no Quay d'Orsay um envelope branco que continha a declaração de guerra. Ainda hoje estamos a sofrer o pezo desse envelope.

Depois... depois todos sabem o que sucedeu. A Belgica, o Marne, Soissons, Verdun, a Flandres... E é preciso reçolher no dia de hoje o perfume que se evola deste nome: a Flandres! Foi lá que o nosso sacrificio se consumou; foi lá que os nossos soldados aprenderam a temperar as suas virtudes na incerteza do combate; foi lá que a nossa bandeira—é alguma coisa de simbolicamente grande uma bandeira!—cobriu os corpos de muitos que tombaram para sempre.

E já lá vão sete anos! Outros tantos serviu Jacob a Labão, pae de Rachel, serrana bela... E quem sabe se nós—como o pastor da Biblia—ainda temos de servir outros sete anos para alcançar aquela tranquilidade de espirito e de algibeira que era, há sete anos, a mais segura garantia de uma vida toda côr de rosa...

Norberto Lopes

Alem-mar

Substituindo o sr. dr. Brito Camacho

O engenheiro sr. Monteiro de Macedo comunicou ao ministerio das colonias ter assumido o cargo de encarregado do governo da provincia de Moçambique, durante a ausencia do alto comissario.

Uma sindicancia ao ex-governador de Macau

O alto comissario em Angola já comunicou telegraficamente ao ministerio das colonias as informações pedidas ácêrca do processo de sindicancia feita ao chefe de repartição do ministerio das colonias e ex-governador de Macau sr. Tamagnini Barbosa.

Auditoria de fazenda da Guiné

O governador da Guiné enviou o projecto e respectivo orçamento para a construção dum edificio destinado á auditoria da fazenda, a fim de ser aprovado pelo governo central.

Faculdades de Farmacia de Lisboa e Coimbra

Foram assinados os decretos aprovando os regulamentos das faculdades de farmacia de Lisboa e Coimbra.

Assuntos de instrução

O reitor e dois professores do liceu de Evora conferenciaram hoje com o sr. ministro da Instrução, sobre interesses daquele estabelecimento.

O caso do Seixal

Foi nomeado administrador do Seixal o sr. Ferreira de Castro, que procederá a um inquerito ao que ultimamente se passou naquela vila, averiguando as causas do conflito suscitado entre o seu antecessor e o presidente da Camara do Seixal, vitima do crime de ontem.

MÁ-LINGUA

D'aza aberta

por Duarte Lima

«No momento que passa..... quási que não fica lugar algum para os poetas».

(Da critica de J. Ameal).

O João Ameal, cujo tormento
são os livros que chovem no «Noticias»,
diz frases que umas vezes são carícias
e outras vezes sô frases... Que portento!

Desta vez, elogion; mas, peçonhento,
todo ele paradoxos e malicias,
diz que para poeticas delicias
não deve ser azado este momento.

Quiz desbancar os proprios jazuitas,
dizer mal a dizer coisas bonitas,
o calculo, porém, saiu-lhe errado:

—certos erros, a mim, põem-me em braza!—
Pois se o livro até traz aberta aza
não vem por fôrça num momento azado?!...

TAÇO.

SOBRE A ESCOLA DE BELAS ARTES

O SR. DR. VERGILIO CORREIA ESCREVE AO "DIARIO DE LISBOA"

"Colocar em paralelo a Escola com a Sociedade Nacional de Belas Artes não me parece logico, visto que uma não pode substituir a outra"

«*Meu caro Joaquim Manso*:—«A Escola, eis o inimigo!» Nesta frase que não aparece, mas que paira, envolve e enevoa toda a carta que o sr. Leitão de Barros, um dos nossos mais talentosos e simpáticos aguarelistas, enviou para o *Diário de Lisboa*, se podiam resumir as considerações que o projecto do sr. ministro da Instrução, de dotar a Escola de Belas Artes com um edificio apropriado, lhe mereceu.

Ora parece-me que não será de melhor tática o atacar de frente, abruptamente, qualquer iniciativa deste género, vincada de tão boa vontade e ditada pela melhor das intenções.

A Escola não é amiga, nem inimiga. E' a Escola, com as suas sólidas, inabaláveis, tradicionaes qualidades de método, direcção e os inherentes, inevitaveis defeitos. Defeitos e vicios organicos, provenientes mais de certas facetas da sua organização e da rudeza, permita-se o termo, do meio, do que das pessoas que nela ministram o ensino.

Pois não pertencem ao seu corpo docente alguns dos melhores pintores que possuimos? Não é ali que ensinam Columbano, Salgado, Reis, Luciano Freire, os arquitectos José Luiz Monteiro e Soares? E não foi na mesma Escola que quási todos eles se educaram tambem?

A Escola vive com dificuldades de material didático, como até de material discente. E' a Escola de ensino superior mais acessivel—nem matriculas se pagam—e apezar disso a sua frequencia é diminuta. A aula do mestre Reis, fechada por falta de alunos, o está demonstrando. Mas para remediar esse mal colocar em paralelo a Escola com a Sociedade, não me parece lógico, visto que uma não póde, em caso algum, substituir a outra.

De resto, há muitos anos que se ventila a ideia de mudar a Escola para outro local. O que está metido dentro daqueles subterraneos de S. Francisco! Ora enumere:

1.º—Conselho de Arte e Arqueologia da 1.ª circunscrição, com a sua tesouraria, secretaria e biblioteca;

2.º—Comissão de Inventariação e Restauração dos quadros primitivos, que ocupa o «atelier» do mestre Luciano Freire;

3.º—Escola de Belas Artes;

4.º—Muzeu de Arte Contemporanea;

5.º—Muzeu de Escultura Comparada, creado pelo sr. Domingos Pereira, em 1919, dirigido pelo dr. João Barreira, e que por falta de instalação não possue uma unica sala organizada.

E estranha-se então que o ministro da Instrução se lembrasse de destinar-lhe verba capaz de proporcionar um edificio apropriado, deixando o local livre para a instalação dos dois muzeus mencionados?

E para terminar as considerações que me sugeriu a carta do distinto professor, algumas palavras sobre um assunto que me diz respeito, pessoalmente. Acho perfeitamente fundamentada e justificada a opinião do sr. Leitão de Barros, de que não se deve entrar para lugares de confiança técnica, a não ser por concurso. Nessas condições entrei eu para conservador do Muzeu Etnológico e de Arte Antiga. No caso presente, que aponta cómo um mero favor ministerial, das nomeações do sr. dr. João Barreira e da minha, para professores das cadeiras anexas de História de Arte, das Faculdades de Letras de Lisboa e Coimbra, o simpático aguarelista não tem razão nos seus reparos. As propostas emanaram das Faculdades, e o ministro limitou-se á gentileza de concordar com elas.

Muito grato pela publicação desta carta lhe fica, meu caro Joaquim Manso, o seu amigo certo e admirador.

V. C.

A CIDADE

A CRISE VINICOLA NA MADEIRA

A EXPORTAÇÃO DOS SEUS ESPLENDIDOS VINHOS É QUASI NULA

Uma carta de um viticultor madeirense que é um apelo veemente e sincero para a intervenção sempre atrazada dos poderes publicos

A Madeira, a deslumbrante Madeira que um sol de oiro ilumina, atravessa na hora que decorre um dos periodos mais dificeis da sua vida.

A braços com uma crise de comercio vinicola tão pavorosa como a do Douro, nenhuma voz potente se tem erguido a seu favor.

A Madeira está um pouco afastada do Terreiro do Paço. Longe da vista, longe do coração e quem não aparece esquece.

Pois não é justo abandonar os interesses dos madeirenses. Os seus males devem merecer-nos os mesmos cuidados que dispensamos aos nossos males.

Para o seu sofrimento devemos ter aquela piedade que, sem ser compaixão, anima tôdas as almas de bom quilate a remediar as infelicidades do proximo.

O sr. J. M. Jardim, viticultor e exportador de vinhos da Madeira, envia-nos uma carta na qual expõe a gravissima situação dos madeirenses.

O Diario de Lisboa publica-a gostosamente. Mais do que isso: envidará todos os seus esforços no sentido de contribuir para o engrandecimento da Madeira e para o bem-estar a que têm incontestavel direito os seus habitantes.

...Sr. Director do *Diario de Lisboa:*

E' para muitos quasi desconhecido que a ilha da Madeira, afastada do continente português umas quinhentas milhas, vive como filha bastarda, esquecida entre o vasto oceano, já desde há muito, sem que se olhe para as suas industrias e para os seus produtos com o interesse merecido. Vive, por assim dizer, exclusivamente de si, apesar dos esforços constantemente empregados pelos seus representantes, que, acreditando até hoje em promessas, têm deixado passar um tempo precioso.

Retintamente português, o madeirense tem acompanhado com tristeza a decadencia do nosso velho Portugal, que entregue ás revoluções e aos caprichos inexperientes da maioria dos seus dirigentes desde algum tempo até esta parte nada têm feito que anime, que alente aqueles que vivem na luta ardua da dedicação pelo comercio com o exterior e pelo desenvolvimento maximo da industria nacional.

Deixar-me-ei de comentarios longos e embora ao de leve abordarei os pontos principais da magna questão dos nossos vinhos. A fonte de receita principal na Madeira está nos seus deliciosos vinhos. Uma vez esta aniquilada tudo será miseria, tudo será fome, tudo convergirá para a infelicidade dos seus habitantes. Os milhares e milhares de viticultores que com todo o afan vêm lutando dia a dia pela maxima prosperidade dos seus vinhedos, terão de cruzar os braços e emigrar, se os governos não olharem de pronto para a terrivel crise que a sua inacção motivou.

Com a ruina dos vinhedos da Madeira, morrerá tambem a cultura da cana dôce, que presentemente se vem debatendo com a grande concorrencia mundial dos açucares, que tem acarretado ás industrias açucareiras perdas importantissimas.

Os exportadores dos vinhos da Madeira têm os seus armazens cheios e os seus capitais, assim, completamente paralizados. E'-lhes impossivel, na proxima colheita, comprarem um unico litro que seja, bem como estão impossibilitados de adquirir o alcool necessario para a conservação dos vinhos da colheita de 1920,

Como poderão os viticultores dar começo ás vindimas, sem terem quem lhes ofereça um ceitil por ele e bem assim sem estarem prevenidos, por falta de cascaria, para a sua armazenagem?

As vindimas estão á porta. A grande crise começará brevemente a ter um triste desfecho. O nosso viticultor, que sempre demonstrou o respeito pela lei e que é incapaz de uma revolta, poderá, entregue apenas a si proprio e seus recursos, revoltar-se, reclamar o pão para si e para os seus.

Tome o govêrno a sério os interesses dos nossos viticultores, com todo o criterio, pois de contrario erguer-se-há para os poderes publicos a maldição dum povo humilde e trabalhador, e a fome não se fará esperar, apoderando-se de milhares de inocentes.

Há mãos erguidas que pedem protecção para um povo que quere viver, que quere trabalhar.

Os viticultores madeirenses acompanham solidariamente o justissimo movimento da região do Douro, e encontram-se de olhos fitos nos governantes, aguardando a solução do importantissimo problema, confiados na boa vontade de todos aqueles que trabalham a favor da sua causa.

E' este o meu brado, brado de viticultor e exportador dos vinhos da Madeira, que pede a rapida solução de tão tremenda crise que, como todos sabem, é, sem duvida, a mais importante de entre as importantes que neste momento vem reclamando a atenção de quem governa.—De v., etc.

J. M. Jardim.

EM CASA DE UM ARTISTA

LEAL DA CAMARA FALA-NOS DO ESTADO DAS ARTES DECORATIVAS EM PORTUGAL

Como deveria ser a nossa casa—Em que se fala de mobiliario, cerâmica, frisos e "bibelots"

O sr. Leal da Camara surpreendeu-nos no seu «atelier» em pleno delito de contemplação dum dos seus desenhos. Aquelas três salas do caricaturista insigne não evocam positivamente a Aldeia Portuguesa em plena Flandres. No entanto, como estão decoradas, ornamentadas; moveis de linhas simples; frisos pintados de veigas frescas, sorridentes de flôres, ensombrados de arvores; cantos estofados com lenços de Alcobaça; cadeiras estilisadas, onde grandes corações avassalam a ternura do nosso, e muitas flores, muitas, muitas, não sabemos se postas ali por intenção do jornalista — oh! a modestia! — dão-nos logo uma noção de encanto, de bem estar, enfim, do «home». Todo o ambiente é da nossa terra. Mesmo a primeira qualidade de Leal da Camara é ser Português com maiuscula.

O caricaturista, mais irreverente ainda nos seus desenhos do que a sua arte lhe permite, apossa-se do nosso chapeu, senta-nos numa cadeira que êle desenhou; senta-se tambem num escano estofado com um lenço de Alcobaça, que está junto da sua mesa de trabalho. A sua mesa de trabalho! Tem tambem um lenço de Alcobaça, fundo azul, ramagens brancas, uma caixa de tintas, desenhos esboçados e muitos papeis. Eu não sei se já lhes disse que estavamos noutra sala. Nela não há paredes; há quadros, caricaturas, telas. Uma deslumbra-nos a retina: é um parque todo em sonho, banhado pelo luar, onde, junto de um plinto, Pierrot, amarrado em dôr, está chorando...

Leal da Camara fala. Primeiro, longamente, detalhadamente, vêm as suas opiniões sobre a nossa pintura, a nossa escultura.

—Nós não acompanhamos o que se faz lá fora.

—Culpa do ambiente!

—Talvez! talvez! Mas a maior parte da culpa cabe ao artista. Apareci eu, o Barradas, o Almada Negreiros. Exoticos! clamaram. De Silva Porto para cá o que se tem feito? Dois nomes: Columbano e Carlos Reis. O que fazem os seus discipulos, alguns já de cabelos brancos? Nada! Positivamente nada! A arte para êles limita-se a ter um quadro no museu. E' o seu «baston de marechal».

Leal da Camara zurze, rasga convencionalismos, faz caricatura. As suas frases, mesmo, são sempre em caricatura. Há personagens cuja fisionomia se deforma; só têm rictus. E de arte o que êle nos disse? Foram três quartos de hora de critica cerrada, sangrenta. Esses três quartos de hora, porèm, passam em silencio nesta entrevista. Já é tempo de precisá-la:

—As artes decorativas estão abandonadas em Portugal. Não se cuida do ambiente da casa, do movel, do friso, do bibelot. Em mobiliario só é bom o que é sumptuoso, pesado, o que é rico. A cadeira de linhas simples, a cadeira confortavel, carpinteirada com motivos portugueses não está em moda.

Todos temos uma grande frase, uma frase sobrecasaca e chapeu alto, para as ocasiões solenes. A de Leal da Camara é esta:

—A arte tem sempre um fim: ser utilizavel. Agora, porèm, só se faz arte pela arte.

—O regionalismo!

—Mas o regionalismo está gasto pelas mãos «nicócós» de certas creturas que o tornam horrivel. Veja as ceramicas que por aí aparecem! O lagartinho alçando no sopé da jarra a cauda, o solitario afuzelado, esticado, que para nada serve, nem para colocar uma flôr...

—Serve para decorar.

—A arte deve ser utilizavel — volta a dizer Leal da Camara. O povo, sim, sabe modelar. Venha ver.

O caricaturista leva-nos á sua sala de jantar. Melhor do que todas as palavras, a sua casa mostra-nos exuberantemente a sua arte. A maneira como ela está decorada é o mais belo argumento ás suas idéas.

—Olhe êste cangirão! Elegante, não é verdade? Pode-se beber vinho por êle, garanto-lhe. Estes pratos largos, de bom vidrado, de autentico vidrado, que você aqui vê, resistem ao tempo. Viu aqueles azulejos da sala de entrada? São antigos; têm dois seculos. Os que aparecem agora estalam logo. Observe agora esta jarra.

A jarra era daquelas jarras esgalgadas, barioladas a azul, que uma loja da rua do Ouro exporta para todos os «boudoirs» elegantes. Uma voz feminina disse:

—Só lhe posso pôr flôres, mas flôres de papel.

—Eu não dizia!? — corroborou Leal da Camara.

Voltámos ás artes decorativas, principalmente aos moveis.

—Não calcula como tenho que lutar contra os marceneiros! Não querem seguir os meus desenhos. Uma vez, uma oficina em pêso fez greve! Mas o peor não é isso!

—Então o que é?

—E' quando êles se põem a florear, a deformar os meus moveis. Inovações que estragam, que corcundizam as minhas concepções.

—As suas concepções obedecem a um estilo?

—Não! Estudei a fauna, a flora portuguesa; depois, a étnica; percorri os logarejos e desenhei; apanhei motivos curiosos para o meu mobiliario. Aqui tem um aparador.

Olhámo-lo longamente, em beatitude. O movel já figurou numa exposição de Leal da Camara. Conhecem-no? Uma descripção é dificil. Não tem nem vidros, nem espelhos, nem retorcidos. E' todo fechado; encurva-se no meio e, como num nicho, pode-se colocar um santo ou uma jarra de flôres. Mas, o que o movel tem de mais belo, de mais encantador, de mais português, são uns corações em metal branco que se estilizam em fechaduras e em ornatos. Como tivemos depois ocasião de ver, nas restantes peças do mobiliario Leal da Camara, o coração constitue sempre a sua caracteristica.

—E' para lhes dar unidade — respondeu o pintor-decorador a uma observação nossa. — E depois: — Todos êstes moveis venderam-se bem na minha exposição. O industrial, porèm, roubou o publico descaradamente. Armarios como êste, que poderiam ser vendidos entre 50 e 100 mil réis, vendeu-os êle por 750$00!

—Mas porque não fabrica Leal da Camara por sua conta?

—Não tenho verba, e, por isso, sujeito-me ás duras condições de um contracto.

Leal da Camara mostrou-nos depois os seus reposteiros por êle estampados; uns sofás — poder-se-hão chamar assim? — inteiramente novos, inteiramente cómodos, singelamente elegantes; os seus frisos que servem para os tectos altos cairem mais baixos, tornando assim as casas mais intimas, sem deixarem de ser higienicas. Peregrinámos longamente através daquelas salas. Um movel, uma ceramica, um friso, um nada, tudo falava, digamos, português.

—Era mais ou menos assim que se deveria decorar a nossa casa. A Holanda,

(*Ver a continuação na 8.ª página*)

Notas Mundanas

Veraneios elegantes

No Mont'Estoril

De dia para dia maior é a concorrencia aos belos concertos que o eximio sexteto sob a direcção artistica do brilhante violinista René Bohet, que realisa todas as noites no Grande Casino Internacional desta elegante praia, pois é certo que tudo que de melhor aí se encontra veraneando bem como em Cascais e os restantes Estoris dá aí ponto de reunião, oferecendo tanto a linda sala de concertos como os vastos terrassos aspectos verdadeiramente encantadoras.

Pontos de reunião

Agenda

A'manhã a nossa melhor sociedade dará «rendez-vous» na recita da moda do Eden-Teatro onde se representa mais uma vez a chistosa revista «Pé de Dança».

Exame brilhante

Depois dum brilhantissimo exame, foi admitido á frequencia do Colegio Militar o inteligente menino Fausto José do Amaral Figueiredo, estremecido filho do sr. Fausto de Figueiredo.

Nascimentos

Teve ha dias o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Aires de Lima do Vale Côrte Real, esposa do sr. Antonio do Vale Corte Real. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Baroneza de Almeirim, D. Maria Leopoldina de Ferreira Lima Correia Mendes e D. Maria de Lourdes da Cunha Correia de Sampaio (Castelo Novo).

E os srs.:

Conde de Paço Lumiar, dr. Damião Pereira da Silva de Menezes (Bertiandos), João de Bastos Felo Folque e Adriano de Almeida Lopes,

—Faz hoje anos o nosso colega na imprensa sr. Vasco Falcão.

Casamentos

Foi pedida em casamento pelo sr. Alfredo José da Silva Cunha, para seu filho sr. Alfredo Antunes da Silva Cunha, a sr.ª D. Otilia Ramos Pinto, gentil filha do sr. Adriano Ramos Pinto. O casamento realisar-se-ha no proximo mez de outubro, na cidade do Porto.

Em viagem

Acompanhado de sua gentil filha, partiu para a praia da Granja, o sr. conde da Ribeira Grande.

—Na quinta de D. Carlos, em Alemquer, encontram-se já com suas gentis filhas e filhos, os srs. marqueses de Olhão.

—Do Bussaco partiu para Cascais, com sua esposa a sr.ª D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, o sr. dr. José Antonio Meireles de Campos Henriques.

—Na proxima semana partem para a America do Sul, em viagem de estudo de engenharia, os srs. Carlos Anjos Joice Dinis, Alexandre Cunha e José Rebelo.

—Tem estado em Sintra, hospeda da sua nora a sr.ª D. Constança de Castelbranco Ferreira Pinto e de seu filho o sr. João Teodoro Ferreira Pinto Basto, a sr.ª D. Maria Piombino Ferreira Pinto Basto.

—A sr.ª viscondessa de Almeida Garrett encontra-se já no Monte Estoril. Seu marido partiu para o estrangeiro.

—Em Linda-a-Veiha, encontra-se com sua esposa a sr.ª D. Maria Assunção Pedroso Possolo Pellen, o sr. Eduardo Maldonado Pellen.

—Encontra-se já em Trancoso a sr.ª condessa de Avilez.

—Partiu para Paris, com sua esposa a sr.ª D. Angelina Mitre Conceição e Silva, o sr. Conceição e Silva.

—Partiu para Bordeus, donde seguirá para Paris, o sr. conde da Folgosa.

—Adiaram a sua partida para Cascais, o sr. Carlos Vanzeller e sua esposa a sr.ª D. Maria de Lencastre Vanzeller.

—Partiu para o Brasil o sr. Raul Ramos Pinto.

—Para Paris parte brevemente com sua esposa a sr.ª D. Maria Angelica de Oliveira Monteiro, o sr. dr. Mateus de Oliveira Monteiro.

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria Rufina Iglesias Viana, e sua gentil filha D. Maria Helena, partiu já para a sua casa do Estoril, o sr. João Sabino Viana.

—Para Vila do Conde, partiu com sua esposa a sr.ª D. Joana S. Mamede Teixeira e sua gentil filha D. Marta, o sr. Carlos Nunes Teixeira.

Doentes

Encontra-se muito melhor o sr. Nuno Rangel dos Santos, que ha tempos foi acometido de uma congestão pulmonar. Fazemos sinceros votos pelo seu pronto restabelecimento.

—Continua doente de cama, em Cintra, a sr.ª D. Carolina Couceiro Ferreira de Mesquita.

—Está felizmente muito melhor do ataque de variola, um filhinho dos srs. marqueses de Ficalho.

As dissenções na G. N. R. do Porto

Foi levantado um auto de corpo de delicto a um alferes

Na séde da divisão militar de Braga está sendo levantado um auto de corpo de delicto ao alferes de cavalaria 11, sr. João Pereira de Carvalho, autor dum manifesto redigido em termos violentos, a proposito de factos ocorridos na guarda republicana do Porto, que deram logar á transferencia dum capitão e á dispensa do serviço de 4 oficiais.

PROVINCIAS

Em Benavente

Afogado no rio—A estiagem

Benavente, 28

Serafim dos Anjos, casado, de 33 anos, maioral das eguas do sr. Joaquim Ferreira Pedrosa, conduzia hoje o gado a beber ao sitio denominado Goivas, o cavalo que montava encontrou um pego, e o cavaleiro receoso, porque a montada se desviava, abandonou-a, morrendo afogado apesar de saber nadar. Por ser bom homem e porque deixa um filho menor é lastimada a sua morte.

—Foi grande o prejuizo nas vinhas causado pelos ultimos calores.

Na Regua

Um grande incendio--Prejuizos no valor de 250 contos--A crise do Douro

Regua, 30

Na noite de ontem um violento incendio destruiu por completo o grande predio onde se achava instalada a casa comercial Viuva Lopes da Silva & C.ª, a mais importante desta vila. O predio, que era propriedade daquela firma, foi totalmente destruido, nada tendo podido fazer os bombeiros por absoluta falta de agua.

Os prejuizos são importantissimos, e deverão ir talvez a 250 contos, nem todos cobertos pelo seguro.

—Realizou-se hoje o consorcio do sr. Antonio Rodrigues Borges, nosso conterraneo, estabelecido no Porto, com a sr.ª D. Odilia Amaral, filha do considerado comerciante local sr. Manuel da Costa Amaral.

—Sepultou-se ontem o sr. José Pais, socio da firma Barreto & C.ª e genro do sr. João Alves Barreto. Os nossos pesames á familia enlutada.

—Num sanatorio da Serra da Estrela tambem se finou o sr. Olindo Casal, cunhado dos srs. drs. José da Costa Pinto e João Alves Barreto Junior.

—Subsiste a paralização total do negocio de vinhos. Começa a aparecer muito jornaleiro sem trabalho e é de prever que, dada ainda para mais a grande carestia da vida, a necesssidade os meta a caminho, e daí resultarem funestas consequencias.

—Do dia 15 de Agosto em diante a Companhia Hidro-Electrica do Varoza volta a dar-nos a energia necessaria para a iluminação da vila, que ha dois meses suspendeu para poder fazer as grandes reparações e melhoramentos nas suas instalações, obras importantissimas que superiormente têm sido dirigidas por um engenheiro suiço que aqui se acha, da Casa Oerlicon.

Em Escalos de Cima

Falta de agua

Escalos de Cima 27

Com curta demora partiram para Lisboa os srs. viscondes de Castelo Novo.

Ha tres dias que o tempo refrescou bastante, mas não vem a chuva que tanto beneficiava ainda os campos.

Em Coimbra

Assalto á Faculdade de Letras

Coimbra, 2

A policia de investigação continuou ontem a trabalhar na descoberta do autor ou autores do assalto ao edificio da Faculdade de Letras, a que nos referimos largamente. As portas que dão acesso ao edificio não foram arrombadas, mas sim abertas com chaves falsas ou com as proprias. Foram tiradas as impressões digitais aos empregados da Faculdade.

Um tresloucado

No lugar da Ereira, concelho de Montemor-o-Velho, poz termo á existencia Antonio Fernandes Constante, deixando escrito que não podia viver perante a crise que se atravessa, não obstante possuir meios para subsistir. Com vista aos gananciosos que continuam sendo a causa da ruina e da desgraça dos seus compatriotas.

Burla de 8:000 escudos

O sr. Manuel Carvalho Alves, comerciante do concelho de Vila Nova de Gaia, queixou-se á policia de Coimbra contra Artur Pinho de Oliveira, comerciante na Mealhada, dizendo que este o tinha burlado em 8.000 escudos num fornecimento de azeite que aquele se comprometeu a fazer, pagando-lhe adiantadamente.

Em Niza

Marido que mata o amante da mulher Posse de um magistrado

Niza, 1

Como telegraficamente informámos, na madrugada de hoje, Francisco Marques Nunes, conhecido pelo «Cágado», disparou contra João Serra, soldado da guarda nacional republicana, três tiros de pistola, ficando este em estado gravissimo.

Há cêrca de dois meses e meio, estando em Vila Velha de Rodam, Francisco Marques Nunes, «o Cágado», recebeu um telegrama dum comerciante desta vila, chamando-o a Niza, onde veiu encontrar a mulher com João Serra, soldado n.º 110, da companhia de Portalegre, batalhão n.º 7. Tal facto fez enorme alarido e a esposa infiel, de nome Hermínia Gonçalves Bengala, teve de recolher a casa dumas vizinhas, sendo apupada mórmente pelos que assistiram á scena.

Posta em juizo a acção de divorcio, ninguem já se lembrava do ocorrido, quando esta madrugada, ao encontrarem-se num baile, o «Cágado» e o Serra, após uma provocação deste, lhe foram disparados 3 tiros, atingindo o 1.º na nuca e os dois restantes atraz duma orelha, provocando-lhe duas hemorragias, uma no ouvido outra na garganta. Chamados os dois medicos municipais, drs. Luna e Miguens, foram de opinião que seguisse a vitima no primeiro comboio para Lisboa, para lhe serem extraídas duas balas que se presume estejam alojadas no rochedo esquerdo. Preso imediatamente o Marques Nunes, confessou o crime, encontrando-se, porém, num estado de excitação enorme. Já na cadeia, conseguimos avistá-lo e ouvi-lo. Eis o que nos disse:

Foi um desastre que tinha fatalmente de dar-se. Desde que soube da infidelidade de minha mulher, evito quanto possivel encontrar-me com o Serra, mas ele, ao contrario, tentava vexar-me constantemente. Esta noite mesmo, quando eu tocava bandolim no baile, mal o vi entrar e dispôr-se para dançar, levantei-me na intenção de sair. Atravessei a sala, entrei num quarto que está ao cimo da escada e nessa ocasião o Serra, que me tinha seguido, sem eu dar por isso, diz-me:—«Quem o autorisou a vir para aqui?»—Não pude mais, puxei da pistola e disparei um tiro... Não sei mais. Depois não sei que mais se passou.

TEATRO DE S. CARLOS

=Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro=

(A unica que representa teatro português, posto em scena com toda a propriedade e raro brilhantismo)

HOJE—A's 21,30

Enscenação do professor Antonio Pinheiro

SEDUTORES

Original de Vasco de Mendonça Alves

Grande sucesso!

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

O MELHOR VINHO DE MESA, ESTOMACAL, DIGESTIVO, APERITIVO

que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES

VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

Deposito geral:

COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL

R. NOVA DA TRINDADE, 50

TELEFONE C. 1644

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico -- CALVEZES-MARCO

Escritorios: Nas termas. Em Lisboa -- R. de S. Nicolau, 88, 2.º

N.º 38 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 3-8-921

VITORIA

NOVELA PASSIONAL por KNUT HAMSUN

—Vamos, vamos, não nos zanguemos. Já te vais embora?

—Vou, não posso estar mais tempo. Em que altura tens o teu trabalho, agora? A mamã preguntou-mo. Imagina que não via Vitória há muitas semanas e acabo de a encontrar.

—Há bocado?

—Agora mesmo, quando vim para aqui. Oh! grande Deus, como ela envelheceu! Escuta, não vais breve lá a casa?

—Sim, brevemente, respondeu êle, levantando-se em sobressalto.

Uma vermelhidão espalha-se-lhe no rosto.

—Talvez lá vá por êstes dias. Devo primeiro escrever qualquer coisa que tenho na idéa, um fim aos meus contos. Ah! vou escrever coisas, coisas... Imagina tu a terra, vista do alto: seria como um fabuloso e belo manto papal. Nas suas pregas as creaturas humanas passeariam duas a duas: havia de ser de noite, no silencio, á hora do amôr. Deve chamar-se: A Geração. Creio que será potente; tive muitas vezes esta visão e de cada vez parece-me que o meu peito vae estalar e que poderia abraçar a terra. Ali se reuniriam os homens, os animaes, as aves, e todos teriam a sua hora de amôr, Camila. Uma onda de encanto caminha para eles... os olhos tornam-se mais ardentes, os peitos dilatam-se. Depois, uma atmosfera rubra emana da terra, é o vermelho pudôr de todos os corações postos a nu; e a noite tinge-se duma côr de rosa intensa. Ao longe, para o horizonte, as grandes montanhas dormem, recolhidas no silencio... E, de madrugada, Deus lançaria o sol, scintilante e quente, sobre tudo isto... A Geração, é o titulo.

—Ah! sim?

—Sim. E irei vêr-te, logo que tenha isto terminado. Mil agradecimentos por teres vindo, Camila. E' preciso esquecer o que te disse. Não tive má intenção.

—Já não me lembro de nada. Mas não tornarei a pronunciar o nome dela. Nunca mais.

No dia seguinte, de manhã, Camila voltou. Estava pálida e parecia dominada por uma agitação extraordinária.

—Que tens? preguntou-lhe Johannes.

—Eu? nada, apressou-se ela a responder. Gosto de ti, e é preciso não julgares que tenho qualquer coisa, e que não é de ti que gosto. Olha, reflecti, e não iremos a Londres. O que iriamos lá fazer? Não sabia o que dizia esse homem; há mais nevoeiro do que ele julga. Estás a olhar—porque olhas para mim assim? Eu não pronunciarei o nome dele. Que mentiroso, encheu-me de mentiras; não iremos a Londres.

Johannes fitou-a; tornou-se atento.

—Não, não iremos a Londres, disse ele pensativo.

—Não é verdade? Não iremos lá... Já escreveste as páginas sobre a Geração? Meu Deus, interessam-me tanto. E' preciso acabá-las depressa e vires vêr-nos, Johannes. A hora do amôr,—era isto, não era? E' um encantador manto pontifical, com pregas e uma noite côr de rosa. Meu Deus, ainda me lembro do que me contaste. Não tenho vindo aqui muitas vezes, ultimamente; mas daqui em deante hei de vir todos os dias, para vêr se já terminaste.

—Acabarei breve, disse ele, continuando a examiná-la.

—Hoje peguei nos teus livros, e levei-os para o meu quarto. Hei de relê-los; não me fatigará absolutamente nada, faço gôsto n'isso... Escuta, Johannes, serias gentil se me acompanhasses, porque não sei se irei em completa segurança até a casa... Não sei. Talvez haja alguem á minha espera, lá em baixo, na rua... tenho quási a certeza.

E, de repente, debulhando-se em lágrimas, disse com a voz entrecortada:

—Chamei-lhe mentiroso e não devia fazê-lo. Era mal feito, da minha parte, chamar-lhe assim. Ele não me mentiu, pelo contrário, todo o tempo foi... Terça-feira temos visitas; ele não irá, mas tu vaes, dize?... Prometes-mo? Apesar de tudo, eu não devia dizer mal dele... Eu não sei o que deves pensar de mim, Johannes...

—Começo a compreender-te, respondeu ele.

Camila lançou-se-lhe ao pescoço, aninhou-se-lhe contra o peito, trémula e confusa.

—Sim, mas gosto de ti, tambem, exclamou ela, não imagines outra coisa. Não gosto só dele, o mal não é tão grande como isso... Quando me pediste, o ano passado, fui tão feliz! Mas depois voltou ele. Não compreendo nada. Achas que é terrivel da minha parte, Johannes? Gosto dele, talvez, um bocadinho mais do que de ti, mas não tenho culpa, foi sem querer. Meu Deus, depois que o vi, nem tenho dormido, e gosto dele cada dia mais. Que devo fazer? Tu, que és muito mais velho, deves dizer-mo. Sabes? ele acompanhou-me até aqui, e ficou na rua, para me reconduzir, e talvez tenha frio agora. Desprezas-me, Johannes? Eu não o beijei, não, afirmo-te, deves acreditar-me; dei-lhe a rosa unicamente... Porque não me respondes nada Johannes?... Dize-me o que devo fazer, porque não posso mais.

Johannes, sentado, escutava em silencio.

(Continua)

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59

E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

A RUSSIA AGONISANTE

Um perigo iminente para a Europa?

A Republica dos "Soviets" morre á fome se não lhe mandarem recursos — Os camponeses retraem-se — O governo russo reconheceu a divida estrangeira?

As noticias da Russia, que diáriamente chegam por todas as vias, mostram-nos a espantosa calamidade que se abateu sobre aquela região fertilissima. Por causa da falta de chuvas em anos mais ou menos próximos, sempre houve lugares na Russia onde a produção era deficiente. Mas a super-abundancia da produção de outros lugares com a antiga facilidade de transportes, tornava fácil debelar a crise momentanea. Além de que raro acontecia haver localidades que não produzissem o necessário ao gasto e na antiga Russia havia reservas enormes que ficavam de ano para ano e que eram facilmente distribuidas devido á regularidade dos transportes.

Das chuvas, exclusivamente, depende um ano de fartura, de fraca produção ou mesmo de fome, quando a seca é geral, porque a Russia de terrenos impermeaveis não tem poços profundos nem uma distribuição de águas que permita obviar á falta de chuvas.

Desde que os *soviets* tomaram conta do governo russo os camponezes, irritados com as requisições, cultivaram apenas o absolutamente indispensavel para o gasto pessoal. Assim se exgotaram as antigas reservas.

A seca deste ano aniquilou as fracas colheitas que porventura pudessem matar escassamente a fome de cada familia.

A própria região do Volga, um dos mais importantes centros exportadores de trigo, morre de fome.

O auxilio é absolutamente necessário. Não se trata apenas dum caso humanitário: as massas populares podem pôr-se em movimento...

O brado de angustia encontra éco em toda a parte. Como diz o «Excelsior», não é agora ocasião de proceder com a Russia como o professor que censurava o discipulo que se afogava. O urgente é acudir imediatamente e com todos os meios. Vinte e cinco milhões de creaturas esfomeadas assaltam os lugares onde ainda existem uns restos de comer, devastam tudo, e as hordas, aumentando de grandeza, continuam a pilhar e, depois de passarem, a terra fica nua.

Não é apenas uma questão humanitária: as massas podem pôr-se em movimento... Com efeito, essas hordas que agora se dirigem sobre Moscou na ilusória esperança de que lá matarão a fome, desenganadas, voltar-se-hão para a Europa e a civilização poderá tornar a conhecer as antigas invasões dos bárbaros. Não é qualquer sociedade filantrópica, por muito poderosa, que poderá levar á Russia um socorro apreciavel. E' preciso a acção organizada da Europa e da America. Para acudir a tantos milhões de criaturas, é preciso dirigir para a Russia todas as disponibilidades de trigo da America, da Europa e do Brazil, do Canadá, da Hungria e da Romania e o milho e o arroz da China, da Indo-China e da Indiã.

Parece que o governo russo já reconheceu a divida estrangeira, anulada quando tomou conta da nação, e toma as medidas necessárias e exigidas para reatar as negociações económicas com toda a Europa. Krassine foi encarregado de sondar o governo francez, a America já recebeu a resposta em que lhe é agradecida a nobre resposta que deu ao pedido de auxilio, da Inglaterra ainda não há noticias officiaes de que um pedido lhe tenha sido feito. Esperemos que os infelizes da Russia serão socorridos pelas nações tão rápidamente quanto é preciso e tão eficazmente quando póde sê-lo uma calamidade de tal grandeza.

O DESASTRE DE MELILLA

NAS CABILAS DE MARROCOS PREGA-SE A GUERRA SANTA

A situação é a mesma de 1909: é preciso recomeçar a conquista e a pacificação desde o principio — Os mouros têm á sua frente um homem inteligente e audacioso

Os acontecimentos de Marrocos foram uma grande surpresa para toda a Espanha. Só os que seguiam de perto a luta em Africa avaliavam as dificuldades da empresa, mas talvês esses mesmos não tivessem o pressentimento da iminencia do perigo antes de começar a revolta geral.

Ou porque o governo considerava inutil gastar sangue com uma tal campanha ou porque, esquecido dos acontecimentos de 1909, não compreendia a verdadeira situação, ha um mês ainda que no parlamento o governo afirmava que de Espanha não sairia nem mais um soldado para o norte de Africa. Desta orientação seguida ha muito aconteceu que a maior parte das guarnições era composta por naturais que só lutariam por Espanha quando os acontecimentos fossem favoraveis ou quando não tivessem tentado suborna-los se a simpatia de raça não bastasse por si só para originar uma defecção e para lhes abrandar instintivamente o impeto do combate.

Melilla esteve abandonada

As noticias chegadas começam a fazer conhecer que o desastre de hoje é igual senão maior que o de 1909. As tropas encontram-se nas mesmas posições de então e a noticia dada por alguns jornais de que Melilla fôra bombardeada não é tão falsa como ao governo pareceu conveniente dizer; porquanto se a cidade não foi bombardeada e atacada com efeito, deveu-o simplesmente ao acaso e não porque as circunstancias em que se encontrava não fossem de molde a dar a victoria a qualquer tentativa moira.

O general Berenguer reconheceu logo ao entrar em Melilla que esta não se encontrava em condições de se defender. Foi ele quem mandou ocupar os fortes exteriores abandonados, e construir trincheiras nos intervalos. E o Barranco do Lobo, de trágica memoria, foi de novo ocupado.

A situação

Os pontos em que lutam as tropas espanholas estão absolutamente isolados e ignora-se aonde se encontram. Berenguer tenta em vão levar-lhes socorro. A revolta é geral e nas cabilas prega-se a guerra santa. Só a coluna de Navarro conseguiu pôr-se em comunicação com a posição de Atalayon.

Em Zeluan luta-se desesperadamente para não chegarem a abandonar a posição que em contacto com Nador servirá de base ao novo avanço.

Quem é Abd-el-Krim

Os moiros, fanaticos e supersticiosos que lutam como féras quando vêem num acontecimento um sinal do céu, guiado por fanáticos satisfazendo ambições pessoais se proclamam enviados do Profeta teem hoje á sua frente um homem inteligente, instruido e audacioso, que tem um irmão engenheiro pela Escola de Madrid, e que prestou valiosos serviços aos alemães na guerra europea.

Disse-se em Espanha a proposito destes esforços repentinos dos moiros: «Alumiados pela superstição formam um exercito rapidamente, que aniquilado ou victorioso, desaparece com a rapidês do relampago».

Se considerarmos, porém, o homem que hoje os revoltados teem á frente, a quem anima o mais profundo odio, pois numa das ultimas lutas o pai morreu pelas armas espanholas, o qual recebe auxilio dos alemães, que lhe fornecem homens conhecedores de tactica militar, armamento e munições, vê-se que a situação de Espanha é talvez peor que a de 1909.

Diz "El Sol"

A grandeza desta luta é tal que necessita da decidida intervenção do paiz. A situação é a mesma de 1909: é preciso recomeçar a conquista e a pacificação dêsde o principio.

Se a Espanha não tiver uma noção exacta do que se passa e não reage, este paiz de fanaticos e bandoleiros, que estava quasi humilhado e vencido, tornar-se-ha *ingovernavel.*

Causas dos cheques da Espanha

Duma entrevista de Jules Cambon, conhecedor de Marrocos por longa permanencia naquelas regiões e pelos estudos especiais a que se entregou ácêrca delas, depreende-se que a causa principal dos desastres espanhois e do pouco exito da ocupação é a falta de comunicações.

Pode dizer-se que em Marrocos não ha estradas nem caminhos de ferro; as tropas atravessam aquelas regiões em longas bichas e assim são obrigadas a atravessar barrancos e desfiladeiros, por entre serras cheias duma vegetação de moitas compactas e penhascos, onde a cada passo surgem armadilhas e onde existem buracos dos quais um homem só, armado, pode matar um batalhão.

Essa falta de comunicações tem dois efeitos pessimos:

Não permite que os naturais entrem em comunicação com os espanhois e sintam a superioridade da civilisação que os dominaria. Deles apenas conhecem a força armada que os combate e faz odia-los.

São duas forças inimigas, que estão ha seculos frente a frente, sem nunca se penetrarem.

A mesma falta de comunicações impede a marcha rapida das tropas, dando lugar a que os destacamentos isolados um dos outros sejam dismados pelos rebeldes, como acontece actualmente.

E' no Riff que se originam todas as revoltas; é ali, naquela região montanhosa de ciladas e armadilhas, que está o quartel general dos rebeldes; nunca as forças espanholas ali conseguiram penetrar, passar sequer. E, comtudo, o Riff está pertissimo de Melilla.

Só quando os espanhois acompanharem a ocupação com medidas de comunicações, ligando perfeitamente todos os nucleos de tropas, avançarão, mais lenta, sim, mas seguramente.

Um centenario a que assistiram 200:000 pessoas

O desembarque dos Pilgrim-Fathers na America — Madame Harding em "Girl-Scout"

NEW YORK, 3 — O presidente Harding chegou a Plymouth para assistir á celebração do 300.º aniversario do desembarque dos Pilgrim-Fathers. Assistiram á cerimonia mais de duzentas mil pessoas. O presidente discursando disse esperar que da conferencia do desarmamento sairá uma nova era de paz e de liberdade para o mundo. Madame Harding apresentou-se pela primeira vez vestida com o uniforme dos Girl Scouts de que ela é presidente honoraria. — (U. P.)

A CONFERENCIA DE GENEBRA

O trafico das mulheres e das crianças

Alguns estados fazem-se representar plenipotenciariamente por uma mulher — 17 votos contra a prostituição e 11 pela sua existencia regulamentada

Realizou-se em Genebra uma das mais importantes conferencias convocada pela Sociedade das Nações para tomar resoluções ácêrca do tráfico das mulheres e das creanças. Nela tomaram parte Estados que nunca se tinham feito representar em qualquer outra conferencia, havendo grande numero de nações da America do Sul. Encontravam-se representadas as Associações internacionaes que se têm ocupado deste flagelo da humanidade e é de notar que a maioria dos seus delegados era composta por mulheres. Alguns Estados estavam representados plenipotenciáriamente por uma mulher, e grande parte das delegações tinham como conselheiro técnico uma mulher.

«Miss» Baker apresentou um relatório dos esforços realizados para o desaparecimento do tráfico das mulheres e das creanças. Tomou-se conhecimento das comunicações dos diversos Estados verificando-se, que as medidas internacionaes tomadas em 1910 tinham produzido effeitos benéficos. Foram tomadas novas medidas para reforçar as existentes e votadas algumas convenções que todos os Estados podem adoptar por uma simples ratificação. Essas convenções são: na metrópole e colónias a legislação será a mesma; as tentativas de delito terão pena egual á do delito consumado; exercer particular vigilancia sobre as creanças e mulheres que viagem sós.

Na questão da prostituição votaram pela abolição completa 17 Estados e 11 pela existencia regulamentada; a maioria não foi suficiente para tomar esta medida obrigatória a todos os Estados. O facto de este grave assunto estar entregue á Sociedade das Nações, que trabalhará de colaboração com as associações internacionaes fundadas para combater um dos mais delicados e graves problemas sociaes de todos os Estados é uma garantia de que estes trabalhos terão uma efectivação rápida e mostra que os poderes se ocupam dele com o cuidado e atenção que merece.

Entre a Grecia e a Turquia

LONDRES, 3.—A assembleia nacional turca decidiu continuar a guerra com a Grecia e não pedir a intervenção dos aliados até á decisiva terminação da guerra. —(R.)

NAS DOCAS DO HAVRE

O "lock-out" patronal

4:000 homens sem trabalho

PARIS, 3.—Os trabalhadores das docas do Havre recusaram-se a aceitar a redução dos salarios, e os arrematantes estivadores declararam o *lock-out*, ficando sem trabalho quatro mil homens.—(R.)

EM SARAGOÇA

A greve geral falhou

SARAGOÇA, 3.—A greve geral que se tencionava proclamar em Saragoça não afectou muitos trabalhos, decorrendo os serviços publicos com regularidade.—(R.)

EM CASA DE UM ARTISTA

Conclusão da entrevista com o sr. Leal da Camara

(Continuação da 5.ª pagina)

a Inglaterra, a Alemanha, a Austria principalmente, têm os seus artistas de artes decorativas. — Aqui uns vinte ou trinta nomes. — Como êles criam! Como o publico os compreende!

— O que faz agora?

— Trabalho em estofos. Quero combinar côres, encontrar nuances, desenhos novos.

Eis o que de arte decorativa nos disse Leal da Camara. Seria preciso escrever ainda mais uma coluna para dizer aos leitores como deveriam decorar a sua casa. Mas, se querem, — e isto sem réclame — visitem o «atelier» de Leal da Camara e ali encontrarão a autentica, a verdadeira casa portuguesa. — *A. P.*

AS OPERAÇÕES EM MARROCOS

BERENGUER PREPARA-SE PARA VINGAR O DESASTRE DE ANNUAL

Os mouros tratam bem os prisioneiros—Afonso XIII irá mais tarde a Melilla—Sacrificio heroico de um capitão de artilharia

MADRID, 3.

Os aviadores recentemente chegados a Melilla têm realizado vôos sobre Nador, Zeluan e Monte Arruit, abastecendo essas posições e outras de viveres e munições. Observaram o estado de várias posições abandonadas e declararam que o aerodromo de Zeluan ainda pode ser utilizado. Em Melilla continua a reinar tranquilidade, tendo-se refugiado na praça o chefe mouro denominado «El Gato», acompanhado de todas as suas mulheres.

O chefe da harka rebelde, Abd-el-Krin, estabeleceu-se em Annual, onde organiza as suas fôrças. Este chefe deu ordens a todas as kabilas sublevadas para que tratem bem os prisioneiros.

Abd-el-Krin escreveu uma carta ao Alto Comissario, dizendo-lhe que a harka, não dispondo de material sanitario, tinha-se visto na necessidade de abandonar os prisioneiros feridos.

O general Berenguer tem ordenado várias medidas para evitar que aumente o preço das subsistencias. Assegura-se que Berenguer não ordenará o avanço das tropas espanholas antes de contar com todos os elementos necessarios para levar a bom fim as operações que tem em vista. A coluna do general Sanjurjo e os soldados da legião estrangeira têm recolhido abundantes despojos. Diz-se que o rei mostrou desejos de ir a Melilla, não o fazendo já, para não distrair das operações as autoridades militares. Tenciona ir mais tarde saudar os sobreviventes e visitar os tumulos dos mortos.

Berenguer tenciona ir em breve a Ceuta, relacionando-se a sua ida com os oferecimentos de submissão feitos pelo Raisuli.

Diz-se que um capitão de artilharia preferiu morrer de inanição a ensinar aos mouros o manejo dos canhões.

Os mouros de Bendilisse têm prisioneiro o representante da Companhia Hispano-americana, Xavier Ramos. O cadaver do coronel Morales foi entregue pelos chefes rebeldes em Sili Dris com todo o respeito e solenidade.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

Ultimas Noticias

O PARLAMENTO PELO TELEFONE

Ainda hoje não serão apresentadas as propostas de finanças

Os novos parlamentares, como os antigos, continuam com o relogio atrazado

Inutil será dizer que á hora regimental não se encontra na sala nem um deputado. Se alguns estão no edificio, param lá pelos gabinetes, em reunião de comissões. E o tempo vai passando sem que a assistencia vá além dos continuos.

Perto das 14,20 é que aparece um membro da Camara, que se põe a escrever com afinco, vendo-se a certa altura diante dêle um monte de correspondencia.

Na ordem do dia vai debelar-se a crise do Douro

Em ordem do dia devem nomear-se algumas comissões regimentais, estando a segunda parte reservada para discussão das propostas do sr. ministro da Agricultura sobre caixas de crédito agricola para o Douro e extinção dos armazens alfandegarios. De forma que só com dispensas especiais poderão ser apreciadas as propostas de finanças.

Anunciam-se já varias interpelações

Quanto ás anunciadas interpelações aos srs. ministros da Guerra e Interior, é possivel que ainda hoje se realize alguma delas e que apareçam outras.

Não ha urnas para a eleição das comissões

E' tal a desorganização dos serviços do Congresso, que nem urnas há suficientes para a eleição das comissões parlamentares. Do Senado têm emprestado as que pertencem áquela casa do Congresso, mas, isso, ia dando ontem mau resultado, porque a hora da votação coincidiu nas duas Camaras, havendo com o caso grande atrapalhação.

A demissão de alguns oficiais da policia

Ao que se diz nos Passos Perdidos, a demissão de alguns oficiais da policia vai ser ventilada nas duas Camaras. Acrescenta-se que a questão sofrerá largo debate.

Haverá só duas sessões plenarias por semana?

A modificar-se o regimento — como se pretende — em harmonia com um projecto já votado nas duas Camaras, de Dezembro em diante haverá apenas duas sessões plenarias por semana. Para essa nova organização dos trabalhos parlamentares falta só adaptar o regimento á orientação da referida lei.

A's 15 horas, é diminuta a concorrencia

Quasi ás 15 horas ainda é muito diminuto o numero de legisladores. Entre uma das portas da sala conversam, em ameno cavaco, os deputados democraticos srs. Godinho do Amaral e Fernando Brederode com o deputado monarquico sr. Mario de Aguiar e o candidato monarquico, que tavez seja fuzilado, sr. Rui de Andrade.

A's 15 horas dá entrada no hemiciclo o sr. ministro da Agricultura, que vem assistir á discussão das suas propostas. Dos «leaders» estão os democratico e liberal, srs. Antonio Maria da Silva e Afonso de Melo.

Um pouco depois das 15, em seguida á comparencia do chefe do governo, os liberais reunem-se numa das dependencias do edificio.

A' hora a que telefono procede-se á chamada, respondendo poucos deputados.

Por imposição do seu médico assistente, solicitou a sua demissão de sub-«leader» do partido liberal o sr. Ferreira da Rocha.

Os membros das mesas das duas casas do Parlamento vão hoje cumprimentar o Chefe do Estado.

DE LONDRES

A proxima reunião do Conselho Supremo

O governo inglês deseja que a questão da Alta Silesia seja resolvida com inteira imparcialidade

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

LONDRES, 3.—Está resolvido que o Supremo Conselho tratará de multiplas questões: a da Alta Silesia, a de fornecimentos á Russia, a questão da Asia Menor, a do julgamento dos criminosos de guerra de Leipzig, a da linha alfandegaria de Dusseldorf-Ruhrord, tencionando abolir as sanções impostas á Alemanha, atendendo a que esta nação tem cumprido as clausulas do «ultimatum».

Causou esplendida impressão o discurso de Lloyd George nos Comuns em que garantiu que o governo inglês desejaria que a questão da Alta Silesia fosse resolvida com a mais estricta imparcialidade em face dos polacos e dos alemães. O governo alemão e o governo prussiano manifestaram a sua satisfação pela maneira como as tropas inglesas teem mantido a ordem na Alta Silesia. O sr. Harvey, embaixador americano em Londres representará o sr. Harding na reunião do Supremo Conselho.—(U. P.)

DE NEW YORK

Os alemães querem rehaver os valores que possuiam na America

Chegou a New-York um enviado especial para tratar do caso

NEW YORK, 3 — Os alemães teem empregado os seus maiores esforços para que lhes sejam devolvidas as propriedades, dinheiro e valores de variada ordem que possuiam na America antes da declaração da guerra. Otto Heins, ex-presidente da German Bosch Magneto Company, chegou a esta cidade para solicitar dos tribunais americanos que sejam satisfeitos os pedidos alemães. — (U. P.)

A 2.ª convenção internacional da raça negra

Devem assistir ás sessões 50.000 individuos—Problemas de importancia a resolver

NEW YORK, 3 — Vêm assistir á segunda convenção internacional da raça negra nesta cidade, cincoenta mil individuos. A convenção terá sessões durante todo o mês de agosto, e supõe-se que serão resolvidos problemas de importancia para o futuro da raça negra em todo o mundo. — (U. P.)

Bolsa de Lisboa

Dia 3

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	42.80
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	43.20
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0|0 1905	11.40
4 0|0 1888	21.
4 0|0 1890 coup	—
4 1|2 1888|89 ass	—
4 1|2 1889 coup	57.50
5 0|0 1909 coup	—
4 1|2 1912 ouro	—
5 0|0 1917	67.50
3 0|0 externas 1.ª série	155.
3 0|0 » 2.ª »	—
3 0|0 » 3.ª »	154.
Acções	
Banco Colonial Português (port.	141.00
Banco Colonial Português (cop.	142.50
» Comercial de Lisboa	257.50
» Economia Portuguesa	91.00
» Nacional Ultramarino (ass.)	—
» » » (coup.)	228.00
» Lisboa & Açores	270.00
» Portugal	—
» Minho	—
» Português e Brasileiro	105.60
C. G. de Credito P. Português	—
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	—
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	224.50
Portugal e Colonial	105.10
Cabinda	—
Buzi	44.60
Ilha do Principe	190.50
Moçambique	—
Zambezia	—
Companhia do Boror	—
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1	—
Benguela, titulo 5	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 °|o, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 °|o, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	40$00	43$00
s|Londres cheque	7 1|4	7 1|8
» 90 d. v.	7 3|8	—
Rio s|Londres	8 3|16	—
s| Paris	706	725
s| Italia	390	410
s| Belgica	680	705
s| Suissa	1520	1570
s| Espanha	1180	1220
s| Berlim	113	120
s| Holanda	2820	2920
s| Nova York	9200	9550
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	—
» » » » Portugal	7 1|2	—
Agio do ouro	650	750

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	—
» s|Londres	27.94
» s|New-York	—
» s|Berlim	9.85
Paris s|Londres	46.85
» s|Madrid	—
» s|Genebra	—
» s|Berlim	—
Londres s|Paris	46.75
» s|Roma	84.25
» s|New-York	35.66
» s|Berlim	294.5
» Amsterdam	11.66
» s|Genebra	21.72
» s|Belgica	48.52
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

Um grande incendio

Arde uma fabrica de cortiça na outra banda

Os prejuizos sobem a mil contos

Cêrca das 14 horas de hoje, desenvolveu-se com extraordinária violencia um incendio, no Caramujo, na outra margem do Tejo, que destruiu um enorme armazem de cortiça pertencente á firma Wan Raukin. A' hora do nosso jornal entrar na máquina, ainda no Caes do Sodré está embarcando material de incendios.

No Caramujo, as chamas elevam-se, envoltas em nuvens de espesso fumo, a grande altura, de tal modo, que em muitos pontos da cidade se observam perfeitamente.

Segundo os cálculos de um empregado superior da Companhia, os prejuizos elevam-se a mil contos, aproximadamente.